

# A FOTOGRAFIA

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

O fotógrafo explicou. Obedecendo a um imperativo de consciência, como éle mesmo diz, o artista, o autor do instantâneo, explicou num A Pedido que os personagens estavam numa outra sala especialmente preparada para a representação da cerimônia que realmente já tinha acabado; que o sr. Presidente se levantara para apertar simbolicamente a mão do sr. Dulles, a pedido do fotógrafo; que o sr. Dulles ficou sentado por não ter entendido a solicitação feita em português; que naquela ocasião ninguem discutia seriamente coisa nenhuma e que, por conseguinte, não pode e não deve o clichê ser interpretado como foi, em detrimento da honra, da dignidade, etc. etc. etc.

O fotógrafo ofereceu em holocausto os truques de seu officio. Preferiu confessar que essas fotografias que a gente vê nos jornais não significam o que nós outros pensávamos que significam; preferiu exhibir ao respeitavel público o fundo falso da caixa mágica e provar que os coelhos não saem das cartolas; preferiu em suma imolar-se, patrióticamente, a permitir a malévola e desairosa interpretação

que vem sendo feita em torno do feliz, ou do infeliz instantâneo. Explicou. Mas não me convenceu. E quanto mais explicar, com a dialética que escolheu, mais real e mais significativa me parecerá a fotografia. Se o instantâneo tivesse sido tirado no momento da cerimônia, no minuto da discussão ou da conversação verdadeira, eu daria menos valor ao documento por saber, há mais de cinquenta anos, que os cerimoniaes costumam ser, como dizia Bernard Shaw, cenas de mau teatro de amador, que os personagens em tais circunstancias são mascarados e que portanto é falsa a fotografia dessas representações, e tanto mais falsa será quanto mais verdadeira. Explicando a falsidade do processo fotográfico, o artista nos assegura o intrínseco valor do documento obtido. Não revelando a cena real e convencional, o clichê revela personagens desprevinidos, nos dá rostos sem máscaras, nos oferece, em suma, fixados no bromureto, genuinos estados de alma. E então, nessa nova luz, o documento não é apenas gaiato: é aterrador. Sem a atenuante da solenidade, que é sempre capaz de dar a qualquer mortal um aspecto ridículo, o documento ganha em profundidade. Tiram o protocolo, ficam as almas. O fotógrafo quiz salvar as aparências, mas na verdade conseguiu salvar apparentia sensibilia, como dizia Santo Tomás, isto é, salientou ainda mais a evidência dos fenômenos. E assim, com Santo Tomás de um lado e Freud de outro, o sacrificio do fotógrafo, sem diminuição de sua generosidade, parece-nos comoventemente inutil. Ou então, como se dizia antigamente, parece-nos que a emenda safu pior que o soneto. Nesses casos, é sempre melhor não insistir, não explicar...